

GEOGRAFICIDADE E O “EDIFÍCIO MASTER”, DE EDUARDO COUTINHO: BUSCANDO ALGUNS CAMINHOS

Nícolás Veregue Ruiz (Geografia – UEL)
Jeni Delgado Paschoal Moura (Orientadora)

RESUMO

O campo de pesquisas em torno da(s) relação(ões) entre Geografia e cinema, nos últimos anos, tem reverberado importantes e profícuas discussões. Permeando por essa seara, tentamos almejar o cinema, especificamente o gênero filmico documentário e a obra cinematográfica “Edifício Master”, de Eduardo Coutinho, enquanto experiência geográfica. À luz de Eric Dardel e de sua geofricidade, dentre outros/as autores/as que auxiliam nessa compreensão, este ensaio pretende analisar o documentário supracitado buscando a realidade das imagens em movimento, movimentando nosso ser, imagens essas que nos formam e dão sentido ao que nós somos e onde estamos. O “Edifício Master” pode trazer essa “geografia em ato”, anterior, que sustenta a ciência objetiva, aos nossos olhos, para nossa mente e para nossa existência: lugares que não vivemos e/de pessoas que não conhecemos, porém partilhamos deles, presença evocada pelo olhar do cineasta e dos personagens, espaços talvez desconhecidos por nós, e além, é claro, de horizontes, vontades, histórias, deslocamentos cotidianos, inquietações, sofrimento e afetos.

Palavras-chave: geofricidade, Edifício Master, experiência geográfica.

Eduardo Coutinho: *Eu posso pedir pra você ler os poemas, então?*

Eugênia: *Natureza morta, 1980. Minha carne ferida, aberta e vermelha. Melancia arrebetada em fim de feira. Exposta.*”

(EDIFÍCIO MASTER, 2002)

INTRODUÇÃO

O campo de pesquisas e debates em torno da(s) relação(ões) entre Geografia e cinema, nos últimos anos, tem sido bastante importante e profícuo. A(s) interface(s) que professores/as de Geografia e geógrafos/as têm buscado com a arte, em especial com a cinematográfica, têm iluminado a compreensão/análise sobre o espaço e suas categorias.

Há pesquisadores/as que entendem/acreditam no cinema enquanto linguagem, principalmente as pesquisas e trabalhos voltados para área do ensino de Geografia, como podemos ver em Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009). Elas entendem que o cinema permite um melhor aproveitamento no ensino-aprendizagem e maior participação/interação estudante-professor/a e estudante-estudante. As autoras, ao abordarem as obras cinematográficas, focam e indicam aos/às docentes, que, utilizando filmes na sala de aula, deem “ênfase a questões eminentemente geográficas e educacionais” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 265) e analisem,



junto aos seus/suas estudantes, conceitos que concernem à Geografia, à pesquisa e à educação.

Fragmentar a obra cinematográfica desta maneira, prejudica a experiência e a apreensão da mesma, uma vez que o filme se dá por inteiro, com suas camadas e matizes. Aqui não se pretende discordar de utilizar o cinema na sala de aula, pelo contrário, considero de extrema importância o aporte artístico e interdisciplinar que os filmes carregam. Devemos entender que assistir a um filme é uma experiência que confronta, muda, questiona e está, dialeticamente, junto à realidade e à nossa existência.

Caminhando com essa discussão, há autores que enxergam o cinema como e enquanto, representação, mais próximas daquilo que acreditamos ser, também, uma incursão geográfica verdadeira nas obras cinematográficas. Um exemplo disso é Costa que, em diversos textos (2002; 2011; 2013), faz paralelos entre o espaço urbano e a cidade cinematográfica (COSTA, 2002), entendendo os filmes como a “própria manifestação do espaço diante de nós” e o cinema como “prática social geradora de geografias” (COSTA, 2011, p. 46).

Ainda para Costa (2013), a interposição e entrelaçamento interdisciplinar entre a Geografia e o cinema são ricos e plurais, pois se busca uma compreensão do “mundo real” e do “mundo ficcional”, os filmes, então, seriam como “textos” geográficos.

No decorrer dos estudos, enxergamos uma complementaridade e validade entre as várias formas de aproximar o cinema e os estudos geográficos como expostos acima. Permeando por essa seara, tentamos almejar o cinema, especificamente sobre o gênero fílmico documentário, enquanto experiência geográfica.

Eugênia: *Terceiro, segundo, primeiro. Quarto, cama, colchão, gente. Térreo, chão, ruas, asfalto, carro.*
(EDIFÍCIO MASTER, 2002)

1. DARDEL E A GEOGRAFICIDADE: O ENCONTRO COM O DOCUMENTÁRIO

Dando início à conversa, recorremos a Dardel (2015), para nos ajudar com a essência *geograficidade*. Para o autor, homens e mulheres, antes dessa Geografia constituída como ciência, sempre foram detentores de uma “geografia em ato”, com uma vontade incansável de correr o mundo, conhecerem aquilo que desconhecem, atingirem o que é inacessível. Esse amor ao solo ou uma eterna procura por novos ambientes, uma “relação concreta” liga homens e mulheres à Terra, “uma *geograficidade (géographicit )*” como modo de existência e destino (DARDEL, 2015, p. 2).

A geografia é sobre o que importa para os seres, suas inquietações e preocupações, o bem-estar, os projetos e as ligações. Filosofando sobre a realidade geográfica, Dardel comenta que

A realidade geográfica é, para o homem, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, ou seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade. A realidade



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

geográfica exige, às vezes duramente, o trabalho e o sofrimento dos homens (DARDEL, 2015, p. 34).

Convergindo as ideias de Dardel com as de Barreto (2015), entendemos que o cinema é capaz de operar a transcendência da percepção do espectador numa experiência que vai além e supera o vivido mental, a representação e o campo perceptivo, aquilo que a inteligência não esgota, mas que a intuição consegue assegurar sua realidade.

Compreender o cinema enquanto experiência: escancarando nossas formas de agir e viver, pois vai além da inteligência, do racional e do empírico. Nosso papel enquanto professores(as) de Geografia e geógrafos, é desvendar e combater essa fragmentação do saber, do conhecimento, do espaço e do cotidiano. Experimentar a realidade das imagens em movimento, movimentando nosso ser, imagens essas que dão sentido ao que nós somos e nos formam.

A respeito da fragmentação de nossa ciência e do par dialético intrínseco, sujeito e objeto, Besse (2015) disserta:

O “sujeito” e o “objeto” se **envolvem um no outro**, e para dar conta dessa circularidade que constitui propriamente o mundo geográfico, podemos nos manter unicamente no ponto de vista da **ciência que analisa e separa os elementos para colocar em seguida os problemas de sua síntese. O mundo geográfico só é autenticamente acessível a partir do nível da experiência vivida**, em que o terrestre e o humano se ajustam a uma medida original (BESSE, 2015, p. 112, grifos nossos).

Um retorno ao envolvimento do sujeito com o objeto, a junção, a interação e integração daquilo que se dá em conjunto, que é inseparável e intrínseco, do que é originário e anterior.

Por uma geografia que esteja no campo das disciplinas hermenêuticas, querendo ser um saber que mobilize “de maneira preferencial as técnicas de decifração e da leitura, da compreensão e da interpretação, mais do que uma ciência ciosa ao regime da explicação e da dedução” (BESSE, 2015, p. 127).

Tecendo algumas linhas sobre o gênero filmico documentário, é necessário dizer que ele é produto de uma conjuntura de ideias, experiências e ideologias do roteirista, cineasta, produtores, etc. Espaços e tempos constituídos, construídos, alterados e recriados. Nossas experiências, concepções, crenças e valores fazem simbiose com o que é mostrado na tela. Criamos uma relação experiencial, além-racional com o material cinematográfico.

Nichols (2005, p. 26-27) faz uma incursão sobre o que são e sobre o papel dos documentários no trecho que segue:

Representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos nele.

Essa citação de Nichols, nos leva a pensar, justamente, sobre essa ocupação no/do mundo, que nos pertence ou não, e esse compartilhamento de realidades, tão nossas ou tão distantes a nós. Resgatando as palavras de Dardel (2015, p. 31), devemos entender que a geografia pode “expressar, inscrita no solo e na paisagem, a própria concepção de homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo”.

Evocando as palavras de Barbosa e Bom-tempo (2012) sobre a potencialidade dos encontros, próprios da narrativa, geradora de espaço(s), que Coutinho utiliza, promove e faz com seus personagens, temos:

É na potência dos encontros agenciados pela câmera do vídeo documentário que buscamos esculpir o espaço criado entre os que filmam e os que são filmados. Espaço que entra em zonas de vizinhança com o cenário criado na filmagem, onde pessoas entram em processos de tornarem-se personagens ao estarem diante da câmera, mobilizando em si movimentos outros e criando outros espaços, tendo no processo de produção da imagem um movimento de invenção de cenários, palcos abertos às multiplicidades e aos imprevistos (BARBOSA; BOM-TEMPO, 2012, p. 220).

Nos encontros, no cotidiano, nessa forte imbricação terra-homens/mulheres, nas nossas permanências e despedidas. Grafias, movimentos e imagens, obras de homens e mulheres, que dão valor e imprimem significado a tudo isso, através da cultura, de intermediações simbólicas, materiais e imateriais.

Até aqui buscamos aliar o conhecimento sobre cinema (documentário), as discussões desta temática no campo da Geografia e as interfaces próprias desta seara. Não é uma incursão totalmente contemplativa e profunda acerca de cinema, geografia, experiência, geograficidade, mas é um começo.

Sabe-se que permear por campos e/ou temáticas sensíveis que são renegados e alijados na ciência (geográfica) é uma tarefa difícil e tortuosa. Difícil por conta da erudição e nível filosófico, interdisciplinar, que se fazem necessários para adentrar nos meandros das discussões e tortuosa pois atrai olhares (maldosos, que também interpõem obstáculos) de outros cientistas e pesquisadores. E justamente a relevância e a importância se dá aí: buscar novos caminhos, aportes, novos modos de pensar, almejar uma Geografia aberta e plural que dialogue com outros saberes.

Intersecções entre o cinema enquanto experiência e mais especificamente, enxergar/compreender a geograficidade no cinema são campos de estudo que estão iniciando, despontando um olhar interdisciplinar dos pesquisadores, que buscam outras geografias e outras formas de pensar a nossa ciência.

Eduardo Coutinho: [...] *Me disseram que você pinta...*

Laudicéia: [risos] *Tenho um bocado de quadros... tá lá dentro, tenho esse aí, tenho uns lá em cima...*

Eduardo Coutinho: *Eu queria que você falasse do quadro que tem a janela...*



Laudicéia: *A janela para o mar... Eu não terminei ainda, ele tá ali atrás.*

Eduardo Coutinho: *Como é que ele está e como é que você quer que fique? Conta pra mim.*

Laudicéia: [...] *Eu queria botar Botafogo, botar Copacabana, tudo num quadro só, não pode. Assim mesmo eu misturei: botei uma parte do Pão de Açúcar com Botafogo. [...]* *Eu sou maluca.* [risos]

Eduardo Coutinho: [...] *Por quê?*

Laudicéia: *Porque eu quero fazer uma coisa que não existe.* [risos]
(EDIFÍCIO MASTER, 2002)

2. REFLETINDO SOBRE A GEOGRAFICIDADE EM “EDIFÍCIO MASTER”

Em um edifício no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, com mais de 200 apartamentos e aproximadamente 500 moradores, Eduardo Coutinho inicia a filmagem do seu documentário “Edifício Master”, no ano de 2002. Foram entrevistados/as 37 moradores/as, alguns anônimos, outros nem tanto, relatando suas histórias de vida, trajetórias, alegrias e tristezas (EDIFÍCIO MASTER, 2002).

Coutinho utiliza uma linguagem endógena. De dentro para fora. O de “fora” que o filme mostra, são os depoimentos dos personagens, além de *takes* filmados de dentro do edifício, focando sempre janelas, luzes, portas, corredores e o que há além delas: vozes, ruídos, barulhos diversos. Há a criação de um Rio de Janeiro invisível (VICENTE NETO; COSTA, 2012).

Invisível porque em nenhum momento há cenas externas, o Rio de Janeiro, ou mais especificamente o bairro de Copacabana, que visualizamos, ou melhor, imaginamos, é a cidade e/ou o bairro relatados pelos depoimentos.

Sentimentos, tanto topofílicos: moradores/as do local há mais de 30 anos, elogio à diversidade de pessoas (também no passado), as amizades que alguns moradores mantêm com alguns de seus vizinhos, as caminhadas na praia, o(s) lugar(es) de encontro propriamente dito, quanto topofóbicos: moradores comentaram sobre a violência, insegurança, o medo de serem assaltados (novamente).

Sobre o lugar de encontro, Dardel (2015, p. 28) nos ajuda a pensar sobre esses espaços onde a socialidade e a coletividade acontecem:

A cidade não é somente um panorama abarcado com um só golpe de vista [...] A cidade, como realidade geográfica, é a *rua*. A rua como centro e quadro da vida cotidiana, onde o homem é passante, habitante, artesão; elemento constitutivo e permanente, às vezes quase inconsciente, na visão de mundo e no desamparo do homem; realidade concreta, imediata, que faz do cidadão “um homem da rua”, um homem diante dos outros, sob olhar de outrem, “público” no sentido original da palavra.

Justamente, esses encontros, essa socialização e coletividade que acontecem na cidade, mais especificamente, na rua são aclamados por alguns e evitados ou são motivos de repúdio por outros/as, a busca pela solidão e/ou a solidão imposta, seja por velhice, problemas psicológicos ou por opção, são temas recorrentes na/da obra.



O pensamento de Lowenthal (1985) sobre experiência e imaginação, nos faz pensar sobre o “Edifício Master” enquanto lugar, existente e de existências. Microgeografias, geografias pessoais, os mundos a percorrer e adentrar, conhecendo esses mundos como uma forma de estarmos neles.

O documentário pode trazer essa realidade geográfica aos nossos olhos, para nossa mente e nossa existência: lugares que não vivemos de pessoas que não conhecemos, porém partilhamos deles, presença evocada pelo olhar do cineasta e dos personagens, ambientes talvez desconhecidos por nós, horizontes, vontades, histórias, deslocamentos cotidianos, inquietações, sofrimentos e afetos. A experiência acontece no tempo do cinema, e vai além da percepção e dos sentidos, pois se desvela e se revela ao espectador em seu diálogo/reflexão com o instante da película.

Esta “geografia em ato”, anterior e que sustenta a ciência objetiva, permeia o documentário, na fala dos entrevistados, na cidade imaginada e (re)inventada, na insegurança compartilhada, em sentimentos simbióticos, toponímicos, toponímicos, além dos ruídos e conversas intermináveis, tão próprias deste edifício cheio de vida.

O documentário abre portas para muitas análises, inclusive a alteridade e a escuta sensível do outro, próprios de Coutinho, invocando uma polivocalidade. Este ensaio permitiu uma compreensão do cinema enquanto experiência geográfica. Tema urgente que tem nos colocado a pensar, caminhar e voltar a pensar, exercício que necessita de outras leituras, dentro e fora do campo disciplinar da Geografia. O encontro do conhecimento científico com o cinema é necessário no pensar e no fazer geográfico, buscando, encontrando e imaginando espacialidades.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, C.; BOM-TEMPO, J. S. O espaço em devir do vídeo documentário. *Geograficidade*, Niterói, v. 2, n. especial, primavera. 2012.

BARRETO, M. O cinema e a percepção do espaço-tempo: uma perspectiva bergsoniana. *Geograficidade*, Niterói, v. 5, n. 1, verão. 2015.

BESSE, J. M. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, E. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. Tradução de: L’homme et la terre: nature de la réalité géographique. p. 111-140.

COSTA, M. H. B. V. Espaço, tempo e a cidade cinematográfica. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 63-75, jan./jun. 2002.

_____. Filme e Geografia: Outras considerações sobre a “realidade” das imagens e dos lugares geográficos. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 43-54, jan./jun. 2011.

_____. Geografia cultural e cinema: práticas, teorias e métodos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Geografia cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. v. 2.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

DARDEL, E. ***O Homem e a Terra***: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. Tradução de: L’homme et la terre: nature de la réalité géographique.

EDIFÍCIO MASTER. Direção de Eduardo Coutinho. Brasil: Videofilmes, 2002. 110 min., doc., color.

LOWENTHAL, D. Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) ***Perspectivas da Geografia***. 2 Ed. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 103-141.

NICHOLS, B. ***Introdução ao documentário***. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas: Papirus, 2005. Tradução de: Introduction to Documentary.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. A linguagem cinematográfica no ensino de Geografia. In: _____. ***Para ensinar e aprender Geografia***. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VICENTE NETO, A.; COSTA, M. H. B. V. Cidades visíveis e invisíveis: Não por acaso um Edifício Master. ***Publica***, Natal, n. 7, p. 1-12, 2012.